Acervo ISA

CEDI - P. I. B.
DATA 25/08/85
COD I3D00

OS FALSOS DA FORMA*

Eni Pulcinelli Orlandi

INTRODUÇÃO: De Onde Falamos

Para falar do SIL, de uma certa perspectiva e a partir de uma análise que tem como objeto tanto a sua prática de linguagem (seu discurso) quanto sua prática como lingüistas (seus métodos), vou proceder a algumas distinções:

1º - A perspectiva da qual falo não é a de simpatia pelo SIL. Ao contrário, do interior do clamor de vozes da América Latina - e aqui penso sobretudo no que li em jornais, livros e documentos publicados principalmente no México, Equador, Panamá e Colômbia[1] - a minha voz, se procurando um mínimo de solidariedade, só poderia ser a do total repúdio à atuação de tal entidade, na América Latina e em outras partes do chamado "Terceiro Mundo".

2º - Embora essa reflexão, dada a natureza do SIL, possa se inscrever no domínio específico da questão religiosa, isso não merecerá uma atenção maior em nossa abordagem. Nessa nossa exposição, estaremos nos ocupando das formas de representação do SIL, de suas transmutações, de suas funções, tudo isso em relação às nossas próprias representações e funções.

3º - Assim, dentre as muitas denúncias, que tanto poderiam ter um caráter científico, religioso, econômico, cultural, etc, procuraremos visar as denúncias de alcance político.

Logo, através de algumas questões de discurso, será uma questão política que estaremos procurando situar, com nossa reflexão.

Nem é preciso dizer que incorporamos, como ponto de partida, as denúncias feitas em outros países, como os que acabamos

---

* Esse título propõe um jogo de sentidos com o título de um livro de Walnice N. Galvão (As formas do falso, 1974) onde ela analisa o Grande Sertão Veredas de G.Rosa. A metáfora que inspira o título é a do demônio, no meio do redemoinho, no meio da rua. Um dentro do outro.

1. Agradeço a colaboração e eficiência do Cedi que generosamente colocou a minha disposição todo o material que analisei.

Acervo ISA

de citar, que expulsaram o SIL. Em resumo, essas denúncias são as seguintes:

O SIL é uma instituição político-ideológica encoberta: é uma entidade com finalidades evangelizadoras que se apresenta como sociedade civil, de caráter assistencial e filantrópico;é um instrumento que oferece apoio à expansão do capitalismo em áreas ricas de recursos naturais as quais abre ao mercado, e integra os índios no mercado como trabalhadores domesticados e despolitizados; o SIL tem sua função comprometida com a desmobilização dos movimentos de libertação indo-americanos e a partir do ideológico penetram até os níveis organizacionais de base das sociedades indígenas; controla vastas áreas que constituem pontos estratégicos para o domínio geopolítico do continente

reforça o individualismo, o voluntarismo; acaba com a solidariedade racial, inculca a passividade e a submissão, acaba com o protesto e a ação política, mistifica as relações de trabalho, apoia e idealiza os aparatos políticos, administrativos e repressivos do Estado, apresenta os USA como o povo eleito por Deus, e etc.

Como está dito em um documento mexicano: "O SIL, ideologicamente, é uma filial da Sociedade de Tradutores da Bíblia Wycliffe (versão fundamentalista) e surge como uma expressão messiânica do sentido religioso exacerbado entre os batistas do sul, como mais uma manifestação do destino manifesto.

O que nos importa é que eles combinam muito bem negócios temporais e espirituais, expandem áreas de exploração capitalista, freiam reivindicações, introduzem pautas de comportamento orientados por uma atividade econômica capitalista que leva ao individualismo, ao mercantilismo e que propala a crença no êxito pessoal determinado por Deus.

A responsabilidade e onipotência divinas são evocadas, aliás, ironicamente,como justificativas,em textos como o que segue: "Nós só levamos a palavra de Deus. Se eles (índios) se desestruturam é obra de Deus. Nós não transformamos nada. Só Deus tem essa capacidade".

Segundo o que se lê, em seus propósitos, tudo é legítimo para levar adiante a idéia de que salvarão os que creem: sejam missionários ou estrategistas do pentágono... Pregam as desigualdades naturais e o respeito cego à autoridade. Aproveitam-

Acervo ISA

-se de três características que imputam ao índio: orgulho de sua própria língua, desejo de melhorar economicamente e, dizem, curiosidade insaciável. Exercem, enfim, o etnocídio espiritual:não deixam existir as diferenças culturais, submetem a vontade.

Incorrem, assim, em dois tipos de ingerência: a) a de estrangeiros em assuntos de competência nacional e b) atentam contra a liberdade de culto.

Enquanto na transamazônia são acusados de terem relação com a expansão das multinacionais (recursos de subsolo e exportações), no Equador foram acusados de cumprir um papel indigno: prover de dados as companhias petrolíferas, dividir os índios para impedir seus protestos autônomos, ensinar a resignação como um valor purificador de suas almas, revelar-lhes tudo o que,para Deus,é pecado. Os aucas foram catequizados para aceitar dar suas terras à Shell. De acordo com um volante do SIL, aparecido em 1971, no Equador:"A Shell perdeu várias vidas nas mãos dos Índios. Quando voltaram, os membros do SIL foram na frente e os persuadiram de que deviam deixar caminho. Isto foi feito através de índios cristianizados em gravações emitidas por um alto-falante montado num avião. Como resultado dessa atividade coordenada por rádio e telefone, através da base em Quito, não se perdeu nenhuma vida até o momento. Bendito seja Deus!" (Documento do Equador, p.136,CEDI).

Segundo a opinião de autores como Soren Hualkof e Peter AAly (1975) o trabalho do SIL debilita a habilidade dos grupos de reproduzirem-se em si mesmos e aprofunda sua integração no sistema capitalista.

Uma tarefa,nessa exposição,é mostrar como essa entidade faz isso.

1. O Índio como intérprete: quem há-de querê-lo?

Silêncio, obscuridade, dominação, posse da palavra, resistência. Tudo isso já sobejamente tematizado e devidamente relativizado por aqueles que têm produzido uma reflexão, tanto sobre a produção da linguagem como a respeito das diferenças sociais ou culturais na sua relação com o poder, não é menos verdade que persistem os segredos (e os poderes) da Palavra; tanto mais se ela é divina.

Uma forma de tratar desses segredos é observar a relação do sujeito com seu discurso.

Acervo ISA

Em relação ao discurso missionário, a primeira coisa a se perguntar seria: como é o sujeito-índio como sujeito-religioso, em sua própria cultura? No caso do SIL, essa questão resultaria em outra: o que significa considerar a necessidade de transformar esse sujeito considerado por eles não-religioso em um sujeito-religioso? Qual é o modo de relação que o SIL propõe para a constituição desse sujeito (índio)-religioso?

Nas religiões ocidentais esse sujeito-religioso se marca pela submissão, isto é, ele se constitui como aquele que é falado por Deus. O discurso divino - eterno, já-sempre-lá- se realiza no sujeito pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição. Ele não reflete sobre, nem sequer pode tomar distância.

Como, na ordem do discurso religioso, o sujeito se marca pela submissão, isto propicia múltiplas espécies de manipulação. Mesmo porque podemos ver a religião como forma de controlar a agressividade desconhecida. E nesse caso, converter é "pacificar".

No entanto, não vamos deixar de considerar, como bem o mostra Gramsci (1966), que a religião pode ter uma duplicidade: ser útil ou ser "o ópio do povo", dependendo do momento histórico.

A esse respeito, gostaria de repetir aqui o que diz Manoel G. Correa, em sua dissertação de mestrado (1985), quando analisa discursos da Congregação Cristã do Brasil: "Forma de resistência ou pura alienação, a verdade é que essa representação que faz da vida diária recria para o fiel, à maneira de um teatro, os temas centrais de sua existência. Entre explodir para a reação no mundo ou implodir pela submissão pura e simples, o fiel constrói seu equilíbrio, mais uma vez representando para si mesmo a sua própria reação: sujeitando-se a Deus e rejeitando o homem. Não o homem dos sistemas econômicos, ou das ideologias, mas o homem por inteiro.Rejeitá-lo dessa maneira pode significar a única forma de continuar vivo - forma de resistência - ou então essa delegação de poderes pode funcionar simplesmente como fuga - forma de alienação".No meu entender, dado o contexto histórico, o SIL não produz um sujeito - religioso que resiste. As formas de resistência do índio não derivam da religiosidade apreendida com o SIL.

Não vou me alongar, entretanto, no que eu chamaria de questão interna ao problema do discurso religioso. Isto que dissemos é suficiente, creio, para mostrar que esta é uma conversa demorada e que merece uma reflexão bem mais ampla.

Acervo ISA

Importa-nos, para nossos objetivos, não a análise aprofunda da do próprio fato do SIL, na sua atuação entre os índios do Brasil, produzir um sujeito-religioso mas, como dissemos, interessa-nos de que modo ele o produz.

É claro, de toda forma, que ao se colocar como mediador, o SIL impede que o próprio índio seja intérprete (do mundo, da relação com o branco, da relação com a religião).

O SIL se erige pois em intérprete do índio com a população envolvente, do índio com o Estado, do índio com o outro índio, e do índio consigo mesmo, na medida que trata da questão religiosa e medeia a relação do índio com a Onipotência (Deus).

Assim, enquanto mediador, o SIL: conta a história do seu ponto de vista, realiza funções próprias ao Estado (como a promoção econômica, de saúde pública e educação). Enquanto lingüistas, fixam-se como interlocutores priveligiados (de língua para língua, de cultura para cultura), instituindo-se assim como { intérpretes / interventores } filtro das comunidades indígenas (principalmente das áreas de difícil acesso). Ocupam dessa forma o lugar-chave das relações entre minorias sócio-lingüísticas e o conjunto da sociedade nacional. Na assistência, em contrapartida, o que chamam de melhoramento moral é doutrinação religiosa protestante.

Como o SIL faz isso?

2. Uma ideologia e vários papéis: o efeito mimético do camaleão

Podemos dizer que o SIL, desde sua origem, se beneficia do jogo entre diversas identidades. São três organismos básicos que articulam sua sustentação: a Wycliffe Bible Translators, que lhe dá representatividade no interior da Sociedade Americana; legaliza-se, por outro lado, enquanto Summer Institute of Linguistics, por se conseguir desse modo uma apresentação (uma "cara") para os necessários contatos e acordos com os governos, que permite encarar os trabalhos de campo; e a Jaars (Serviço de Rádio e Aviação) que lhe proporciona apoio logístico.

Nesses três organismos está configurada a capacidade de mobilização (convenhamos, ágil) e auto-reprodução do SIL.

Sua agilidade facilita a sua estratégia de se mostrar necessário e manter sua permanência.

Acervo ISA

No jogo entre esses organismos, o SIL se beneficia ainda do fato de que, não se apresentando como uma expansão da Igreja Batista, evita a necessidade de se confrontar com a Igreja católica nesses países que são, em geral, de maioria católica.

Além disso, há um outro benefício, o de jogar com a relação entre Ciência (lingüística descritiva, antropologia, educação) e Religião. Para se garantir seriedade é imperativo basear-se em métodos científicos. Daí a instrumentalização desses conhecimentos, ou seja, a ciência é um instrumento e a finalidade é religiosa. Para ilustrar isso basta lembrar que eles sempre fazem valer sua eficácia como lingüistas, com formação científica etc. A partir daí podem aumentar sua credibilidade quando, por exemplo, explicam a história em termos religiosos, ou defendem sua permanência entre os índios.

Em meio a essas formas de representação variadas, o SIL produz a sua existência e reproduz a sua necessidade com tal eficiência, que se passa a defender sua permanência já que eles são os únicos a atingirem certas regiões inacessíveis (dado o apoio logístico) ou a terem condições de descrever as línguas indígenas, em quantidade.

Nesse jogo de formas e identidade, vejamos como o SIL se autodefine: "Sociedade civil de caráter assistencial e filantrópico".

Dada essa definição, o SIL pode estabelecer no texto do Convênio com a FUNAI - e a cada compromisso eles se movem nas múltiplas possibilidades de suas representações - seus objetivos:"manter atividades assistenciais de lingüística, educação, saúde e desenvolvimento comunitário (?) junto aos grupos indígenas..."

Para um lingüista, soa certamente bastante estranha a expressão "atividades assistenciais de lingüística". O que seriam essas atividades ?

A falta de um discurso específico, que se observa através de uma expressão como esta, pode ser entendida se nos reportarmos ao conceito de "formação discursiva". A formação discursiva dispõe sobre o que o sujeito pode e deve dizer em uma situação dada numa conjuntura dada, de tal forma que, remetendo seu discurso à ideologia, essa formação fará que suas palavras tenham um sentido e não outros possíveis. É pela remissão à formação discursiva que se identifica uma fala.

Para simplificar, diríamos que, no caso do SIL, essas forma-

Acervo ISA

ções discursivas podem ser entendidas como "dicionários" diferentes que remetem a ordens de discurso (e portanto sentidos) diferentes.

Nesse caso, podemos confrontar expressões que ocultam sua origem e funcionamento jogando com "dicionários" diferentes, uma vez que o SIL usa um pelo outro:

Onde falam de "melhoramento moral", leia-se doutrinação;

Onde falam de "educação", leia-se desculturação;

Onde falam de "formação do indivíduo", leia-se capitalismo, etc.

A característica fundamental do discurso do SIL, e que se assenta na trucagem de suas representações, é justamente o de sobrepor formações discursivas, isto é, usar um dicionário pelo outro. Porque ele joga, com pelo menos, três identidades: a de cientistas, a de assistentes sociais e a de religiosos. A de religiosos, aliás, é a que eles nunca colocam, mas pressupõem. Não a discutem. É a que permanece assim sempre em negociação, como uma ameaça.

Desse modo, deve-se entender sempre de outra forma o que dizem, em referência a essa característica de sobreposição que é dominante na formação discursiva do SIL.

E é desse modo que também podemos entender suas tarefas lingüísticas:

"Levar a escrita às línguas desconhecidas dos grupos isolados" que é o objetivo lingüístico explícito que eles mostram, deve ser entendido, enquanto objetivo evangélico, como "levar a bíblia aos povos ainda não atingidos pela (conhecida) Palavra de Deus".

Isto, aliás, aparece grosseiramente em certos documentos do SIL: "incentivá-lo a desenvolver no máximo, o seu potencial, em ambas as sociedades, através da educação bilingüe e da tradução bíblica" (O que há de melhor em dois mundos, textos do SIL, Brasília, janeiro de 1981).

E aí chegamos a um ponto fundamental da discussão que junta lingüistas e educadores. No discurso do SIL, onde se fala em "educação bilingüe" leia-se catequese (conversão). Não é uma passagem lingüística, é uma passagem teológico-étnica.

Nessa perspectiva, a atividade filantrópica - que é a tônica do SIL no comércio com os povos do terceiro mundo - também tem uma direção de sentido: o que se apresenta como assistencial, is

Acervo ISA

to é, onde se diz "ajudar" deve ser compreendido "instituir dependência" (mediador). Desvirar esse discurso é denunciar que, nessa formação discursiva, não há solidariedade, há opressão, não há auxílio, há dominação.

Decorre daí um fato discursivo importante: o discurso filantrópico do SIL é o silenciamento do discurso político. Embora isso seja uma função comum do discurso religioso em geral, agrava-se no SIL pelo jogo de suas representações em que o religioso, o político e o científico estão abertamente confundidos.

Dissemos em outro trabalho (Orlandi, 1985), que o SIL tem tido, no Brasil, uma função que consegue aliar as três formas de apagamento - a da ciência (que amansa o conceito "índio"), a do indigenismo (que amansa o índio enquanto corpo) e a da catequese (que amansa o índio enquanto alma) - com exemplar eficácia e sem ônus palpáveis para o país.

Gostaríamos de acrescentar que além de propiciar esses três modos de apagamento do índio também aqui o agravante dessa atuação está em fazer isso insidiosamente, usando um pelo outro, embaralhando práticas.

Isso permite-lhes, nos convênios, não mencionarem o trabalho de proselitismo religioso (referem-se genericamente a atividades assistenciais) nem tampouco se apresentarem com clareza em relação a essas suas atividades assistenciais. Realizam, assim, sem discutir, funções próprias ao Estado Nacional: promoção econômica, saúde e educação.

Como o SIL joga com seus modos de atuação, apaga o lugar específico do qual se poderiam discutir as suas atuações.

Nós, que caímos no truque das múltiplas representações, quando queremos criticá-los, cobramos os resultados de seu trabalho como lingüistas, ou como educadores. O correto nessa conjuntura é cobrar-lhes os resultados de seus trabalhos enquanto missionários. Isto é que está silenciado.

Enquanto isso, eles ocupam, como dissemos, o lugar de mediadores entre o índio e a sociedade nacional. Assim legitimados, negociam, com o Estado, seu poder e influência. Completam dessa forma a assunção de um poder que lhes é outorgado pelo Estado e que, ironicamente em um efeito circular de sua ação, eles acabam por impor ao Estado. Tornam-se úteis.

3. A disputa pela prática: o efeito -Hydra, do ressurgimento incessante

O poder de negociação que essa entidade adquire em relação

Acervo ISA

ao Estado, nasce da sua estratégia de, enquanto mediador, mais do que mediar, ela se dar a posição de estar no lugar de: está no lugar, ou melhor, ocupa o lugar do lingüista, ocupa o lugar do assistente social, ocupa o lugar do educador.

Para ocupar esses lugares, sua prática é instituída por um discurso que, estancado em um lugar, renasce de outro, com todas as qualidades retóricas da adequação.

Analisando alguns "caderninhos" de apresentação, sucessivos em suas datas, pudemos observar o processo pelo qual, para ir-se adaptando às nuances contemporâneas à ideologia do Estado, eles obedecem a um mesmo modelo que vai sofrendo pequenas, oportunas e progressivas alterações. Pudemos então verificar esse movimento: em um, tem-se a palavra integração, no outro, ela é substituída por participação (o índio integrado à sociedade nacional é substituído por índio participante da sociedade nacional); em um, há referência à adaptação do índio à agricultura, no outro, isso desaparece; em um, se fala do índio em relação à sua Pátria, no outro, Pátria não tem possessivo, é geral, é a Pátria, etc.

Por outro lado, quando esse discurso antropológico-assistencial torna-se incômodo, produz-se o discurso pedagógico-lingüístico. E assim por diante, indefinidamente.

Chegamos, então, a uma outra característica do SIL, relativa a suas várias formas e seu constante ressurgimento.

Dado o fato de que, para se exercer, ele não precisa de uma identidade fixa (muito pelo contrário), isso facilita a reprodução de sua prática sob outras aparências ("fachadas"). O que eles precisam é, pois, de sua permanência mesmo sob outras formas de representação.

Assim é que podemos ler, no jornal Palavra da Fé de nov/dez. 1984, ano III, nº 18.

"Preocupados com os constantes problemas que o SIL enfrenta com as autoridades brasileiras na execução do trabalho lingüístico-missionário, alguns irmãos organizaram a Associação Lingüística Evangélica Missionária (ALEM) sediada em Brasília, DF, que tem os mesmos propósitos e metodologia do SIL. A ALEM é presidida pelo Pastor Rinaldo de Matos, e em seus cursos já conta com vários alunos brasileiros. O curso de lingüística e missionologia em 1985 já tem 10 alunos matriculados e a diretoria espera 30 alunos para o curso. A ALEM possui um acampamento destinado ao Treinamento Missionário junto à reserva dos índios Krahô, em Itacajá, norte de Goiás..."

Acervo ISA

Tendo, depois, analisado a ata da Assembléia Constituinte da ALEM e, em seguida, uma apresentação dessa Associação à FUNAI, pude detectar três deslocamentos estratégicos que refletem o contexto histórico-ideológico da criação dessa entidade, em termos da absorção que faz do SIL:

1º - Explicita o objetivo: promover a tradução da bíblia e a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo, junto aos povos indígenas do Brasil e do mundo (na Ata). Ou seja, nesse momento histórico a explicitação do objetivo religioso é possível e, diríamos, até desejável.

2º - Explicita, na definição da entidade, seu"caráter científico e objetivo religioso", "visando a tradução da bíblia e a assistência ao índio brasileiro". Quer dizer, corrige, em sua rota, o que já não é operacional.

3º - Coloca um ítem específico (o 4º da Apresentação) no "enfoque nacional:"A ALEM é uma entidade nacional, autônoma, sem nenhum vínculo administrativo ou de dependência econômica com qualquer outra entidade nacional ou estrangeira. Ainda que nascida sob a inspiração da tarefa realizada pelo pessoal (por que não missionários ?) do Sumer Institute of Linguistics, a ALEM segue a mentalidade de dirigentes brasileiros (todos os membros da Diretoria são brasileiros)".

Este parêntese vem bem a propósito pois o secretário é nada mais nada menos que o Dr.Wilbur Norman Pickering, um conhecido membro do SIL que, pelo que pude me informar, é naturalizado* brasileiro.

Basta uma espiada no Conselho Consultivo e no Conselho Fiscal para se ter uma longa lista de membros do SIL (e da New Tribes).

Portanto, onde se lia SIL leia-se ALEM, e assim por diante. Nem é preciso gastar análise sobre isso. O SIL se reproduz em sua divisão de trabalho com a ALEM. Articulam-se e se reforçam.

Não nos alongaremos, pois, na descrição desse processo em que: 1º, como observamos, o SIL é várias coisas ao mesmo tempo e, 2º ele se transforma em várias outras sucessivamente, nos momentos oportunos.

Com a possibilidade de tantas metamorfoses, estaremos sempre um pouco atrás na tentativa de desvendar as representações do SIL e às suas metáforas.

Mas não sejamos pessimistas.

Observando tudo isso, chegamos à uma questão, que acreditamos

---

*Em tempo. Durante a exposição, fui informada que não é naturalizado, nasceu aqui, de pais missionários.

Acervo ISA

útil, das práticas do SIL, questão esta que está configurada, como segue.

Quando se está discutindo a atuação do SIL: a) ou já se está discutindo algo que eles mesmos já ultrapassaram, dada sua ágil capacidade de se refazerem em suas diferentes formas e, então, sua vulnerabilidade é ilusória (tardia), ou b) essa discussão é uma armadilha.

Nesse caso, o de ser uma armadilha, ela o é no sentido seguinte: O que não estamos discutindo enquanto estamos discutindo o SIL ?

Nossa estratégia foi, então, desdobrarmos isso: a) Devemos observar não o que o SIL diz (ou faz) mas o que ele nos faz dizer e nos faz (não) fazer; b) Naquilo que dizemos, o que se esconde ?

A partir dessa estratégia, a forma mais adequadamente crítica de encararmos essa questão é observarmos o SIL como lugar (pretexto) em que se originam, em que se produzem, vários discursos que tratam da questão indígena: discursos políticos, acadêmicos, administrativos etc.

Vejamos, então, nesse conjunto, que sentido têm os discursos acadêmicos que aí se formam, já que este é o nosso caso específico.

4. De lingüista para lingüísta.

No domínio da Lingüística, algumas críticas específicas podem ser feitas.

Os membros do SIL adotam uma metodologia de análise e um estilo de pesquisa de campo que refletem seu jogo de identidades e que são adequados à articulação de seus organismos de sustentação: a tradução da bíblia e a descrição de línguas desconhecidas, contando com suas possibilidades de deslocamento e permanência em área indígena.

Com isso, impuseram um modelo de lingüista[2] que tem muito a ver com suas finalidades missionárias e muito pouco com as necessidades do trabalho lingüístico. Resulta, desta distorção, conseqüências graves.

Com seu modelo, o SIL cria uma dependência de um método de

(2) É comum os índios pedirem cartilhas no modelo do SIL, dada sua familiaridade com esse produto e sua necessidade (dos índios) de documentarem suas línguas.

Acervo ISA

análise - no interior do descritivismo estruturalista - que deriva de sua visão pragmática(utilitária) da cultura e da ideologia. Assim como produzem uma visão utilitária da religião (adaptativa), produzem uma visão utilitarista da lingüística (de caráter assistencial) e metodologicamente estreita.

Além disso, como sua permanência em campo é imprescindível para seus objetivos missionários, mistificam também o tempo de permanência no campo para a descrição de uma língua. Na verdade, para a descrição que fazem, com o método que usam, seria preciso muito menos tempo do que propalam.

Com o argumento da descrição, justificam sua permanência e desqulificam o trabalho do pesquisador lingüista (leigo, profissional) que vai ao campo durante menos tempo.

Assim, acabem por impor a nós lingüistas, também um modelo de pesquisa de campo que, na realidade, justifica seus fins evangélizadores e não os de lingüistas. Por isso, onde dizem "não há lingüistas suficientes no país para substituir o SIL" deve-se perguntar "substituí-los em que tarefa"? Na descrição da língua ou na sua atuação missionária?

Iludidos por esta falsa questão, os lingüistas não procuram criar condições favoráveis para a regularidade de seu trabalho de campo.

Por outro lado, o SIL - fundado no discurso da competência científica: eles usam métodos científicos para....catequisar(?) - criou um consenso de eficácia com respeito a seu método(predominantemente estruturalista e incorporando cada vez mais o transformacionalismo) de descrição, que, no entanto, como sabemos, é bastante criticável, no interior da própria lingüística descritiva, e ainda mais da perspectiva de uma concepção mais moderna de língua, que incorpore o histórico como constitutivo.

Além disso, todos sabemos que o compromisso com o behaviorismo de que se carrega a metodologia estruturalista chama para si uma larga discussão.

Seria oportuno, ainda, lembrar que temos, na linha da descrição clássica de língua, lingüistas brasileiros absolutamente capacitados, com ampla tradição de descrição, documentação e conhecimento das línguas indígenas. Podemos acrescentar, atualmente, trabalhos em novas tendências que já se adiantam ao que se produz nos grandes centros de pesquisa mesmo fora do Brasil.

O que estou tentando dizer é que não precisamos de modelos como os do SIL. Temos nosso know how, nossa tradição de estudos e projetos avançados. Devemos, isso sim, reivindicar condições, infra-estrutura para realizar esse trabalho, se o consideramos necessário.

Acervo ISA

Voltando ao que o SIL produz, enquanto modelo de pesquisa de línguas indígenas, devemos dizer que com essa metodologia ele cria uma noção fragmentária das línguas, no domínio da cultura indígena, que tem conseqüências muito graves. Repetindo o que diz o documento de Barbados II, sobre a Política Colonialista do SIL:

"El Instituto Linguistico de Verano en relación a las lenguas en si opera con dos objetivos políticos claves: a) presenta un quadro de extremada fragmentación dialectal y linguistica, tratanto de demostrar la inviabilidad de la formación de unidades linguisticas estandardizadas, esenciales para el despegue de proyectos politicos de liberación de los pueblos indios, e b) sustentar la ideologia del caracter ahistórico estatico y regresivo de las lenguas indigenas, segun la cual estas serian incapaces de absorber dinamicamente las nuevas experiencias colectivas que confrontan los pueblos oprimidos. En otros terminos, se les niega la posibilidad de una interpretation propria, tanto conceptual como linguistica de la dinamica social y de la naturaleza."

Nesse conjunto de conseqüências do modelo de trabalho lingüístico está implicada a educação bi-lingue. A educação bi-lingue - termo criado pelo SIL e assumido pela FUNAI em 1972, quando criou o estudo bilingue nas aldeias xavante, guajajara, kaingang e karajá - é uma forma de intervenção do SIL nas culturas indígenas.

É bom ressaltar que não queremos generalizar, ou cair em discussões academicistas. Na conjuntura que o SIL produz para atuar, a educação bi-lingue - com seus monitores indígenas, a produção da literatura indígena etc[3] - tem o sentido da intervenção. Em outros contextos a educação bi-lingue poderá ter outros sentidos. Não é isso que nos interessa aqui. Interessa-nos que a literatura indígena produzida terá a "cara" do SIL e estará marcada pelos efeitos missionários (tradução do Genesis) que eles visam.

No âmbito da assistência, a educação bi-lingue é o atestado que o SIL quer passar de sua eficiência e da sua excelência lingüística, de sua capacidade.

Segundo nossas prerrogativas, a educação é leiga e deve ser propiciada por órgão governamental nacional. Terá então a "cara" que conseguirmos estabelecer com nossos projetos e discussões. O que não podemos permitir é que em nome de técnicas lingüístico-educacionais mal digeridas essa entidade desenvolva sua ação

---

(3) O lance modernoso do índio participante, nesse contexto, só leva - no reducionismo do pragmatismo americano - à utilização do índio e não à sua autodeterminação.

Acervo ISA

predatória da civilização indígena.

5. O que se esconde é o que mais se mostra: atirando flechas no avião do SIL

Chegamos afinal a uma questão muito relevante, dado o que chamamos de processo de silenciamento.

Esse processo - que acompanha todas as formas de exercício de poder, qualquer que seja sua natureza - faz com que falemos de algumas coisas para silenciar outras. Nossa questão então é a seguinte: O que não estamos discutindo enquanto discutimos o SIL?

Creio que podemos alinhar uma série de questões que se silenciam atrás dessa discussão: qual é a relação entre o Brasil e os USA?(4) qual é a relação entre o branco e o índio? Frente à nossa história específica, qual é a relação do brasileiro com o índio? como está sendo assumida nossa identidade cultural? qual seria a forma adequada de nós estarmos em contato? como a universidade tem encarado a questão indígena? etc.

Nesse silêncio que se faz sobre nossa atuação, queremos ressaltar algo que tem a ver de perto com esse contexto da nossa discussão.

Essas críticas em direção ao SIL - que tem, como vimos suas fortes razões e merecem certamente nossa atenção e uma proposta de solução - absorvidas pelo discurso acadêmico, servem para dar ao lingüista a impressão de que ele é engajado, isto é, de que ele está discutindo algo politicamente muito relevante no próprio âmbito de sua ciência, quando, na realidade, isto é uma forma de, iludindo-o, isentá-lo da discussão política e teórica mais conseqüente em relação à sua prática científica. Critica-se o SIL e se continua a reproduzir, no interior da lingüística, a mesma ideologia científica opressiva. Incluo aí o fascínio pelos modelos e pela pretensa "autoridade" de estrangeiros - só porque são estrangeiros - sobre nossos trabalhos. "Autoridade" que lhes outorgamos quando não somos críticos e reproduzimos a "eterna" relação entre colonizadores e colonizados. Nesse caso, muito mais grave, porque se

(4) Quando falo da relação com os USA, penso em vários níveis. Aqui, interessa-nos o da produção científica e ideológica. Refiro-me à exploração do nosso trabalho intelectual que nos é alienado; refiro-me ao fato de que estamos ideologicamente submetidos, em termos científicos, de tal forma que nossas razões científicas só são razões quando eles as legitimam (reconhecem). E, evidentemente, eles legitimam o que lhes interessa como e quando lhes interessa. Ou seja, a relação é de dominação. É no interior dessa relação que se move o SIL com suas práticas.

Acervo ISA

trata do colonialismo político-científico. Sob esse fascínio dos seus modelos, negamos nossa capacidade de reflexão, um dos redutos fundamentais de resistência cultural, política e ideológica. Esse é um dos efeitos da ideologia científica contra o qual devemos nos alertar. Há muitos outros.

O mesmo, creio, deve-se passar com o antropólogo, no âmbito acadêmico. Mas não tenho conhecimentos para falar sobre isso.

O discurso sobre o SIL, nos meios acadêmicos, tem pois esse lado de mistificação. Mistificação do lingüista, a respeito de questões de língua, de escola, na relação com a cultura, com a ciência etc. Do lado do antropólogo, o correspondente jogo de mistificação é o que incide sobre o contato interétnico, a questão da identidade cultural, a assistência, os modos de vida etc.

6. Quantas são as frentes de confronto?

São mutias as frentes de confronto, e ao contrário do que promove o SIL, essas frentes não podem ser embaralhadas.

Como o SIL utiliza a sobreposição de falas para silenciar o que poderia atingi-lo, aí está uma primeira frente: pedir-lhe contas de sua atuação como missionário, e através de canais competentes. Questionar assim, através de organismos oficiais, o exercício de poder do SIL pela sua prática missionária.

Além das denúncias amplas, para o esclarecimento acerca do funcionamento dessa entidade, é preciso uma ação que atinja decisão oficial e específica. Ou seja, a crítica deve ser feita no lugar certo e por quem tem poder de decisão. Já passamos da fase da conscientização. É preciso elaborar um informe dirigido ao governo, por dirigentes indígenas, colégio de antropólogos, lingüistas e demais pesquisadores da área indígena, personalidades engajadas em questões políticas nacionais etc., solicitando as medidas cabíveis. Cabe assim acionar os meios para mudar este estado de coisas.

Por outro lado, e creio que esta é a frente de confronto mais importante, é preciso que consigamos condições para a formação e desenvolvimento de quadros de atuação regular, ou seja, precisamos de condições materiais de base para estarmos lá onde eles estão, com nossas práticas específicas e abertas.

No caso dos lingüistas, precisamos ter condições para formar pesquisadores em línguas indígenas, dar-lhes condições de pesquisa e continuidade; obter dos órgãos responsáveis o apoio financeiro a projetos de pesquisa de média duração no campo; obter da FUNAI condições para desenvolver os projetos nas áreas programadas; conseguir das Instituições de ensino e pesquisa que dêem lugar relevante para

Acervo ISA

o ensino, a aprendizagem e a pesquisa no domínio da cultura indígena; abrir espaço institucional para estagiários etc.

No caso das questões educacionais, promover a formação de seminários de estudos conjunto e de debate entre antropólogos, lingüistas e educadores, com suas propostas e projetos.

Enfim, propiciar uma prática racional e regular no domínio da cultura indígena para criarmos uma tradição de estudos e pesquisa, de conhecimento, nesse domínio e do qual possam fazer parte, inclusive e sobretudo, os próprios índios[5].

---

(5) Comprovando o princípio da dominação ideológica-científica dos modelos americanos e a prática insidiosa dos missionários do SIL, Daniel Everett, quando dessa apresentação, procurou "reduzir" os nossos argumentos, remetendo-se à metáfora científica da "não falseabilidade" de aspectos teóricos de modelos que pertencem a paradigmas diferentes. Com isso, procurou jogar fumaça ("americana") nos nossos olhos (de "primitivos" latinos), insinuando que eu não poderia criticar o SIL a não ser do interior das razões do SIL. É isso "compreender" no sentido forte, isto é, nos colocar para dentro, nos engolir. Nem vou argumentar cientificamente. A minha indignação em relação a esses jogos argumentativos tem uma razão que me sustenta mais do que plenamente: enquanto ele procurava impressionar(pressionar)com um discurso (logo, uma prática) de colonizador cientista(mais uma vez o SIL se traveste de lingüista, para defender sua prática de poder), eu me colocava - e isto está expresso no início dessa exposição - no interior de uma análise política e de documentos em que se evidencia que o SIL se serve da sobreposição de formações discursivas para jogar com diferentes identidades, em seu projeto de ação missionária. No proselitismo teórico-catequético que se desenrolou, a defesa do povo-eleito(o americano) passou perto da edificação do método-eleito(o transformalismo). Naquela fala arrevezada em que, mais uma vez, se procurava confundir o catequético e o lingüístico, o que meu interlocutor procurava "apagar" era uma coisa só: não se tratava de uma disputa de modelos teóricos, tratava-se (e se trata) da história dos povos indígenas e de seu sofrimento no contato com a "cultura" ocidental.

Se incluo esse episódio no texto é porque essa intervenção foi exemplar, muito ilustrativa em relação ao assunto de que tratávamos. Foi uma excelente ocasião para se observar o deslize ideológico entre "objetividade" científica e fé.

Acervo ISA

Bibliografia:

CORREA, Manoel G. O discurso religioso da Congregação Cristã do Brasil, tese de mestrado, Unicamp, 1986.

Documentos, jornais, livros sobre o SIL, que fazem parte do acervo do CEDI, S. Paulo.

GALVÃO, Walnice N. As formas do falso, S.Paulo, 1972, Perspectiva.

GRAMSCI, B. Il materialismo storico e la filosofia di B.Crose, 1966, Einaudi, Turin.

ORLANDI, Eni P. "Pátria e terra: o índio e a identidade Nacional", Preedição 1., Campinas, 1985.

HVALKOF S. & AABY P. Introducing Goød in Devil's Paradise, Peru, Gran Pajonal, 1975.